

A Capela do Monte é uma espécie de silêncio na arquitetura. Sem eletricidade, sem água, apenas com uma porta e uma janela, é o primeiro trabalho de Álvaro Siza no Algarve



o culto de Siza

Se a ideia de silêncio não se consuma apenas no vazio absoluto, o vazio é, em absoluto, o espaço do silêncio. A obra de Álvaro Siza Vieira tem sido, ao longo dos anos, uma permanente peregrinação em busca dessa quase mítica, porventura inatingível, ausência de ruído. Do mais complexo ao mais austero dos edifícios, o desejo de contenção, a vontade de despojamento, surge, não tanto como um processo, mas como um objetivo destinado a percorrer múltiplos caminhos. Por vezes há uma rara oportunidade de construir a materialização de um desejo. Por vezes o silêncio acontece. Como na Capela do Monte, na zona de Barão de São João, em Lagos.

É um edifício muito pequeno. Apesar dos seus escassos 65 metros quadrados, não se perde na paisagem. Como diz Álvaro Siza, “o importante é a proporção e não a dimensão”. Com 13 metros de altura e um terraço em frente para assegurar a adaptação ao declive do terreno, funde-se naquela paisagem algarvia e constrói uma identidade própria, no cimo do Monte da Charneca.

Ao fim de toda uma vida de intensa atividade, com trabalhos de todo o tipo em vários continentes, inclusive uma capela católica na China, esta é a primeira obra de Siza no Algarve. A ideia de convidar o Pritzker de Arquitetura a construir um templo particular de oração e recolhimento, numa quinta privada onde está a ser desenvolvido um projeto de turismo rural, partiu de um casal de estrangeiros, Rebecca Irvin e Mathias Stiefel, residentes na Suíça e apaixonados por aquela região do sul de Portugal.

Partilham o que consideram ser uma intensa relação com a ideia de Deus. Cristãos empenhados, ambos tiveram ou têm cargos de relevo em A Rocha Internacional, uma organização cristã dedicada à conservação e proteção ambiental. Rebecca, nascida nos EUA, tem nacionalidade suíça. Trabalhou em Genebra, Londres e Lisboa para a United Press International, Reuters, NBC News e Swiss Radio International. É agora diretora-adjunta de uma empresa suíça relacionada com produtos de luxo, onde tem a seu cargo as atividades filantrópicas e educativas. Mathias é suíço e foi fundador e presidente da Interpeace, uma organização internacional empenhada na construção da paz reconhecida pela ONU.



O mobiliário interior da capela é desenhado por Siza e resume-se a uma cruz, um altar, um banco corrido e seis cadeiras. Fotos Frederico Mendes Paula

Rebecca conheceu Siza no âmbito de uma iniciativa da sua empresa, que periodicamente junta alguns dos mais relevantes artistas do mundo com jovens talentos nas áreas da arquitetura, dança, cinema, literatura, música, teatro e artes visuais. A partir daí ficou aberto o caminho para uma relação que poderá ter outros desenvolvimentos.

O casal tenciona fixar-se em Portugal logo que se reformem. Acalentavam há muito a vontade de construir um centro de retiro espiritual na sua propriedade algarvia. Agrada-lhes a ideia de dispor de um espaço onde quem os visita possa ter momentos de recolhimento.

A Siza encantou-o a ideia de “um edifício sem eletricidade nem água”. Sente-se cansado de construções “cheias de máquinas, e

grelhas e candeeiros”. A hipótese de uma total imersão na natureza proporcionou-lhe uma imensa alegria. Numa conversa sobre um dos projetos que mais prazer lhe deu nos últimos tempos, fala da satisfação de ver nascer uma obra despojada, cuja iluminação é a proporcionada “pela luz do dia”.

Vive-se ali a depuração total. As paredes exteriores têm a cor da terra. O interior é um branco rebocado. É tudo resumido ao essencial. Há uma grande janela por trás do altar e uma porta lateral para acesso à capela. Nada mais. No interior, uma belíssima cruz desenhada por Siza, o altar, um banco corrido e seis cadeiras. Há um processo natural de ventilação, inspirado em métodos adotados no Norte de África, do qual resultará uma sensação de fresco no verão e de conforto no inverno.

No mais é, como assinala Rebecca, “a tranquilidade absoluta, numa capela com uma acústica muito boa”. Graduada em piano pelo Conservatório Popular de Genebra, a ex-jornalista tenciona colocar na capela o instrumento da sua predileção. Além disso canta, como estava previsto que fizesse esta quinta-feira durante a inauguração do templo. Entre os convidados estava programada a presença de seu pai, pastor protestante vindo dos EUA e que oficiaria a cerimónia.

Ao descrever a capela, Álvaro Siza começa por falar do caminho em terra que sobe até o edifício. A entrada lateral dá acesso a uma antecâmara, com uma parte aberta, o que proporciona uma boa entrada de luz. Em painéis de azulejos, o arquiteto desenhou uma Pietà, o nascimento de Jesus e o batismo. Num projeto em que, sublinha, “o que tem força é a luz natural”, não aceita a ideia de que tanta depuração lhe possa ter facilitado o trabalho. “A arquitetura é sempre difícil e quando há uma contenção grande, como acontece neste caso, cada elemento tem uma importância fundamental. Como o espaço é pequeno, tudo quanto se coloque nesse espaço tem de ser muito benigno, para haver ordem.”

O prazer advém, também, da relação estabelecida com o dono da obra. “É muito boa, mas evidentemente exigente. É muito preciso naquilo que necessita e pretende, mas ao mesmo tempo dá uma grande liberdade, sem ser aquela liberdade do faça o que quiser.” Na qual, em boa verdade, nenhum arquiteto está interessado. Num primeiro momento, Siza deslocou-se ao Algarve para escolher o sítio de implantação da capela. Optou por aquele alto “onde havia uma casinha agrícola muito deteriorada”. Apresentados os primeiros estudos e desenhos, deparou com uma boa receptividade à ideia de ter um volume isolado, mas muito bem inserido na paisagem.

A capela é parte de algo muito mais vasto, na área do turismo rural, a desenvolver naquela quinta a quatro quilómetros da praia da Luz. Rebecca e Mathias conheceram-se em Portugal nos anos de 1980 e já na altura ele mergulhara a fundo na ideia de restaurar uma aldeia situada num monte. Com ironia, Rebecca diz estarem a ganhar dinheiro na Suíça para investir em Portugal. Desde logo por assumirem que querem passar o resto dos seus dias naquelas proximidades de Lagos. Se é assim, acentua, sentem “a obrigação de fazer algo de positivo” naquela terra.

Quando o centro que imaginam para a propriedade estiver aberto de um modo permanente, o que só deverá acontecer dentro de alguns anos, admitem a possibilidade de organizar outro tipo de atividades. Para a capela não vislumbram mais do que a vivência da tranquilidade do lugar. Seja através de leituras da Bíblia seja nos momentos de oração.

Na próxima segunda-feira o casal vai organizar uma celebração ecuménica durante a qual contam com a presença de padres católicos da região. Não estão previstos, no futuro, outros cultos religiosos, mesmo se em cada dia ali se manifesta, através da arquitetura, o culto de Siza.

Texto VALDEMAR CRUZ

Jornal Expresso SEMANÁRIO#2370, 30 de março de 2018

«Gostei imenso deste desafio do Vaticano»: Eduardo Souto de Moura assina capela «comovente» para Bienal de Veneza

A Bienal de Arquitetura de Veneza, que começa hoje, conta pela primeira vez com um espaço dedicado à Santa Sé, composto por 10 capelas projetadas por arquitetos de fés e proveniências múltiplas, uma delas concebida por Eduardo Souto de Moura.

«Gostei imenso deste desafio do Vaticano. Primeiro, porque pôs em causa algumas convicções que tinha – ou que não tinha –, porque as pessoas têm de fazer um projeto com convicção, e eu não sou propriamente religioso», declarou ao "Público" um dos dois portugueses distinguidos com o prémio Pritzker, considerado o "Nobel da Arquitetura".

A inspiração para o conjunto de obras patentes até 25 de novembro na ilha de S. Jorge, uma das que se situam à frente da emblemática Praça de S. Marcos, foi a "Capela do bosque", construída entre 1918 e 1921 no cemitério de Estocolmo por Erik Gunnar Asplund.

«O tema do programa era fazer um recinto e ter uma mesa para um livro. Podia ser coberto ou descoberto e não havia mais indicações. Mas eu achei que era preciso ter algum significado, alguma simbologia e, como fui educado no cristianismo, fui buscá-la aí», explica Souto de Moura.

A mesa, o arquiteto entendeu-a como um altar, cubo escavado por trás para o padre colocar os pés. Um banco corre à volta do espaço. Na parede do fundo desenha-se uma cruz, formada pela separação natural dos blocos de pedra de Vicenza e pela incisão de um traço horizontal.

Uma das preocupações do arquiteto foi dar ao peregrino/visitante uma sensação de espaço mais amplo do que o realmente existente: «Para quem entra, o pavimento vai a descer até ao altar. Já as pedras crescem a partir do seu ponto mais baixo, que é 2,26 metros, uma referência ao homem com o braço esticado de Le Corbusier. Com esse efeito de perspetiva, conseguimos fingir que é maior».

«Souto de Moura oferece uma obra-prima comovente. Um recinto em blocos modulares de pedra de Vicenza, parcialmente coberto por duas lajes monolíticas. É um lugar quente e rigoroso, austero e familiar», escreve o jornal diário italiano "Avvenire", da Igreja católica.



O mesmo texto fala de uma sensação de paz: «Aqui o tempo abranda». «Este é um lugar que ajuda a pensar, a refletir», corrobora o arquiteto, que há 15 anos assinou um projeto para uma igreja em S. João da Madeira, que não chegou à construção.

«A escola de arquitetura de Portugal afirmou-se internacionalmente já várias vezes, e portanto, quando os comissários de uma exposição de arquitetura olham para o panorama internacional, seria uma negligência esquecer Portugal, e daí convidarem um arquiteto português de nome internacional para estar presente», comentou o delegado do Conselho Pontifício da Cultura, o bispo Carlos Azevedo.

Em declarações à mais recente edição da revista "Síntese", a responsável frisa que «ter um espaço, um lugar de referência que unifique as pessoas, porque não apela para interesses, mas para Deus, continua a ser fundamental».

«Quando as pessoas vão a estes espaços e se desprendem e aprendem a linguagem do contemporâneo, começam a sentir-se bem e a sentir que esses espaços proporcionam silêncio, sair de si mesmos e encontrarem-se com o outro. Experiências de sair de si e encontrar espaços diferentes, mas que são tocados pela beleza e por isso são capazes de ir ao centro da alma», salienta.

A decisão do Vaticano entrar no horizonte da arquitetura «é o resultado de um longo itinerário. No final do séc. XIX consumou-se o divórcio entre arte e fé, que durante séculos tinham caminhado juntas. Uma fratura que inclusive em tempos recentes produziu edifícios sagrados modestos, privados de espiritualidade e beleza»

O pavilhão da Santa Sé, cuja antestreia foi uma das mais concorridas entre os espaços nacionais participantes na Bienal, propõe «uma peregrinação não só religiosa, mas também laica e naturalista para redescobrir a beleza, o silêncio interior, a fraternidade humana do estar juntos em oração», assinala a página "Vatican News".

O itinerário permite também «a recuperação da relação entre arte e fé e da osmose perfeita entre homem e ambiente», na senda da encíclica "Laudato si'", do papa Francisco.

Andrew D. Berman (Estados Unidos), Francesco Cellini (Itália), Javier Corvalán Espinola (Paraguai), Flores & Prats (Espanha), Norman Foster (Grã-Bretanha), Terunobi Fujimori (Japão), Sean Godsell (Austrália), Carla Juacaba (Brasil) e Smiljan Radic Clarke (Chile) são os outros arquitetos presentes no bosque veneziano.

«As 10 capelas não são igrejas consagradas, mas antes pontos de orientação no labirinto da vida. Em muitas, mesmo se tal não foi pedido, surge o símbolo da cruz», afirmou o curador do projeto, o italiano Francesco Dal Co, que também tem refletido sobre a arquitetura portuguesa-

A decisão do Vaticano entrar no horizonte da arquitetura «é o resultado de um longo itinerário. No final do séc. XIX consumou-se o divórcio entre arte e fé, que durante séculos tinham caminhado juntas. Uma fratura que inclusive em tempos recentes produziu edifícios sagrados modestos, privados de espiritualidade e beleza», observou o presidente do Conselho Pontifício da Cultura, cardeal Gianfranco Ravasi.

O presidente da Bienal de Veneza, Paolo Baratta, está convicto de que após esta estreia do Vaticano na Bienal de Arquitetura «haverá outras»: «A participação de um protagonista da história que plasmou as nossas cidades contribui para a dilatação do nosso olhar, na procura de soluções para os problemas».

"Freespace" é o tema da 16.^a Bienal, «representando a generosidade e o sentido de humanidade que a arquitetura coloca no centro da sua agenda», refere a página da mostra. O pavilhão de Portugal apresenta 12 projetos de 29 arquitetos portugueses, reunidos sob o título "Público sem retórica".

Edição: SNPC

Fontes: Isabel Salema/Público, Ricardo Perna/Síntese, Alessandro Beltrami/Avvenire, Cecilia Seppia/Vatican News

Imagem: Cláudia Taborda | D.R.

Publicado em 26.05.2018

http://www.snpcultura.org/eduardo_souto_de_moura_concebe_capela_comovente_para_bienal_veneza.html